

Os estuários e os serviços ecossistêmicos culturais

Fernanda Barbi, Maria Carolina Las Casas & Marcelo Pinheiro

Desde os primórdios das civilizações humanas mais antigas, a sociedade mantém uma relação de existência, espiritualidade e sagrado com os estuários e manguezais. Ainda nos dias de hoje, esses ambientes traduzem expressiva riqueza cultural aos diversos grupos étnicos que caracterizam nossa pluralidade social. Mas antes de abordarmos sobre os serviços culturais oferecidos pelos estuários, é importante relembrar o conceito de **cultura**, que tem origem do latim *colere*, que significa cuidar, cultivar e crescer. Dessa forma, a amplitude do termo compreende os **comportamentos, tradições, simbolismo e conhecimentos** de um determinado grupo social, incluindo sua **linguagem, comidas típicas, religiões, músicas locais, artes, vestimentas, costumes**, entre outras inspirações artísticas (Ferreira, 2011). Assim, essa diversidade de características peculiares, encontra nas ciências sociais uma rede de compartilhamento de símbolos, significados e valores de um grupo social ou mesmo da sociedade, em sentido mais amplo. Pelo exposto, “os serviços ecossistêmicos culturais estão intimamente ligados aos valores e comportamentos humanos, bem como às instituições e padrões sociais [...]” (Andrade e Romeiro, 2009).

Os estuários são ambientes costeiros que oferecem serviços ecossistêmicos de provisão, regulação e suporte, bem como propiciam serviços culturais que se perpetuam na história das comunidades e povos que com eles interagem. São áreas de expressiva biodiversidade, de conexão entre ecossistemas terrestres e aquáticos, possibilitando uma variedade de ambientes, paisagens e vivências aos apreciadores da natureza (UNEP, 2014). A ampla variedade de espaços nos estuários possibilita aulas vivenciais em campo, atuando como verdadeiras “escolas a céu aberto” e trazendo novas experiências e saberes, por vezes inesquecíveis. O aprendizado é otimizado por vivência e experimentação, em especial de crianças e adolescentes, os quais requerem uma dinâmica especial, ainda mais nos tempos atuais. A beleza cênica dos estuários também é fonte de inspiração ímpar aos artistas, que deles acabam absorvendo elementos culturais e da paisagem, incorporados em suas músicas, pinturas, fotografias, esculturas, poesia, entre outras manifestações.

Importante destacar os estuários como fonte de bem-estar, explicando o grande apelo oferecido aos ecoturistas, já que este ambiente fortalece conexões primordiais com a natureza, convertendo-se em excepcional fonte de saúde e vitalidade. Essas áreas são propícias à observação de pássaros, além da possibilidade de geração de renda para guias de turismo de base comunitária. A prática da educação ambiental *in loco* (ou turismo educativo) também tem sido uma atividade muito procurada por visitantes, pois concilia conscientização ambiental às informações culturais, biológicas e sustentáveis. Imagine-se visitando **sambaquis** e aprendendo que suas conchas e ossos retratam a cultura alimentar de povos que viveram a 8 mil anos atrás; ou ir a um **ninhal de guarás-vermelhos**, aprendendo que a cor vermelha escarlate de suas penas são obtidas por se alimentarem de crustáceos (caranguejos), dos quais obtém o pigmento natural carotenoide (cantaxantina). Inspirador tudo isso, não? Além disso, os canais estuarinos também são locais onde ocorre a prática de atividades esportivas e de lazer, configurando-se, portanto, em área turística e dedicada ao iatismo, remo, canoagem, *stand up paddle*, entre outras atividades náuticas, devido às suas águas mais calmas e abrigadas (Araújo *et al.*, 2017).

Os maiores guardiões da sabedoria e conhecimento popular são os moradores que vivem associados aos estuários, manguezais e seu entorno. Isso ocorre, pois as populações locais circunvizinhas têm os seus costumes culturais diretamente ligados a estes ambientes (Fonseca e Drummond, 2003). Há muitas festividades, sincretismo religioso, rituais sagrados e crenças relacionadas ou situadas a essas áreas. Personagens como a *Vó do Manguê*, *Pai do Manguê*, *Ataíde*, *Caipora*, *Pistoleiro do Tarana*, *Boitatá*, o *Caranguejo Amazônico* e o *Baiacu & Aratu*, figuram do repertório cultural associado aos estuários e manguezais brasileiros (Freitas *et al.*, 2018). Segundo estes autores, a divindade afro-brasileira *Naná Buruku*, bem como as entidades *Moça Bonita* e *Guajara*, têm relação com a proteção das áreas estuarinas, sendo cultuados, respeitados e temidos pelos frequentadores e comunidades locais. A presença do manguezal nos rituais é verificada nas doutrinas e seus encantados, com referência aos seres lendários da fauna e flora, assim como de falas associadas à lama e às marés (Ferreti, 2008). No mundo todo muitas lendas, rituais e credences populares envolvem os manguezais, sendo peculiares e muito interessantes. E você, conhece alguma? Você poderia dar continuidade a esta cultura e ser um “contador de estórias”. Que tal?

Você sabia que a siriúba ou siribeira (*Avicennia germinans* e *Avicennia schaueriana*), conhecida popularmente como mangue-preto, é uma espécie de árvore que tem seu simbolismo nos cultos afro-religiosos? Seu tronco é tradicionalmente usado na confecção de tambores, tendo como função invocar as entidades espirituais nas cerimônias ritualísticas (Mochel e Silva, 2020). Da casca do mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*) se extrai o tanino, muito utilizado no tingimento de panos e curtimento do couro, enquanto suas folhas têm uso medicinal, para o tratamento de feridas, queimaduras e fungos na pele (Schaeffer-Novelli, 2018).

Você já ouviu falar do **Fandango**? Não é de comer não! Trata-se de uma dança de origem espanhola, mas que foi trazida ao Brasil pelos portugueses. Ela desembarcou no litoral sul brasileiro, tendo sido assimilada pelos ribeirinhos caboclos e, a partir daí, incorporada ao folclore brasileiro, e mantida atualmente (Roderjan, 1981; Setti, 1985; Rando, 2003).

Os sistemas estuarinos, representados pelos estuários e pelos bosques de manguezal, são excepcionais ao refúgio, alimentação e como “berçário” para muitas espécies. Neste sentido, são áreas bastante procuradas pelos pescadores artesanais e amadores na pesca esportiva. Em se tratando da pesca artesanal, são frequentados por pescadores, caranguejeiros e marisqueiras, que ali encontram recursos para sua subsistência e composição da renda familiar. Como exemplos, figuram a tainha, o bagre-branco, o camarão e o robalo, que são espécies comerciais abundantes nestes ambientes (Souza *et al.*, 2018; Cunha-Lignon e Mendonça, 2021). Parte da produção é consumida pelas famílias dos próprios pescadores, que preparam pratos típicos da cultura caiçara, constituindo assim, uma culinária peculiar e inesquecível àqueles que a experimentam. Tais especiarias são atrativas ao turismo gastronômico em áreas costeiras, em especial nos bares e restaurantes que oferecem estes “frutos-do-manguezal” em receitas típicas, como os diferentes caldos de caranguejo, ostras, sururus e outras espécies que têm ao menos parte do seu ciclo vital nestes ambientes. Existe uma alta diversidade de equipamentos utilizados pelos pescadores artesanais para a pesca estuarina e as técnicas são geralmente transmitidas dos pais para os filhos, o que aumenta a riqueza cultural de uma região, afinal “filho de peixe, peixinho é”. Outro aspecto interessante é que as canoas confeccionadas pelos pescadores caiçaras com troncos de árvores já eram utilizadas por indígenas com o mesmo procedimento construtivo. Assim, estes pescadores detêm um grande conhecimento

nas artes de navegação e dos diferentes petrechos e formas de pesca tradicional (Diegues, 1983).

Muitas são as ameaças antrópicas que esses ambientes vêm sofrendo, desde perda de áreas por aterramento, construções civis, estabelecimento de grandes empreendimentos de carcinicultura, até mesmo a contaminação e poluição das águas, sedimento e sua biota, pelo despejo de efluentes domésticos e industriais. Por conta das características próprias dos serviços ecossistêmicos culturais, sua valoração monetária é uma tarefa difícil de ser contabilizada. Muito mais que a perda de *habitats*, os impactos colocam em risco a rica cultura de um povo, que tem nos estuários uma história de vida. Pelo exposto, manter o conhecimento tradicional tem sido um desafio, para que não seja esquecido, o que já é fato evidente pelo declínio de algumas populações caiçaras, como no Sistema Estuarino de Itanhaém (Souza e Pinheiro, 2020, 2021). A Agenda 2030, que trata do Desenvolvimento Sustentável, aborda o desejo de fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural. Leitor, saiba que você mesmo pode contribuir para que as próximas gerações não deixem de usufruir desse legado, por meio de registros, inventários, vigilância, conhecendo, apropriando e difundindo o patrimônio cultural junto à sua comunidade (BRASIL, 1988). Isso é muito importante... seja um contador de estórias!

“De *beleza singular, da lama ao caos*, não deixemos os estuários e os manguezais *desmantelá*, pois se *tudo* isso *continuar*, não sobrarão bocas para contar” (Science, 1994; Vergara-Filho, 1997).

Referências

Araújo, W.M.A.; Morais, L.A.; Silva, C.V.P.; Monteiro, S.V e Freire, C.E.C. 2017. Práticas culturais de lazer e esporte no estuário do Rio Potengi - Natal/RN: realidade e potencialidades. p. 2504-2507. In: *Anais do XX CONBRACE / VII CONICE*. Goiânia. ISBN: 2175-5930.

Brasil, 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, Centro Gráfico. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

Cunha-Lignon, M. e Mendonça, J.T. 2021. Ecossistema manguezal: seus recursos naturais e pesca. p. 23-65. In: Cunha-Lignon, M., Bertini, G.; Montealegre-Quijano, S. (eds.). *Manguezais, camarões-de-água-doce e manjuba-de-iguape*: patrimônios natural e cultural do Vale do Ribeira e Litoral Sul do Estado de São Paulo. Registro, Unesp, 144p.

Diegues, A.C.S. 1983. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo, Ed. Ática, 301p.

Ferreira, A.B.H. 2011. *Dicionário escolar de língua portuguesa*. Curitiba, Positivo, 992p. ISBN: 978-85-385-4735-8.

Ferreti, M. 2008. Encantados e encantarias no folclore brasileiro. p. 1-6. In: *Anais do VI Seminário de Ações Integradas em Folclore*. São Paulo.

Fonseca, S.M.E. e Drummond, J.A. 2003. Reflorestamento de manguezais e o valor do resgate para o sequestro de carbono atmosférico. *História, ciências, saúde – Manguinhos*, 10(3): 1071-1081.

Freitas, A.C.; Cardoso, I.S.; João, M.C.A.; Kriegler, N. e Pinheiro, M.A.A. 2018. Lendas, misticismo e credences populares sobre os manguezais. p. 144-165. In: Pinheiro, M.A.A. e Talamoni, C.A.B. (orgs.). *Educação Ambiental sobre Manguezais*. São Vicente, UNESP, Instituto de Biociências, Câmpus do Litoral Paulista, 165p.

Mochel, F.R. e Silva, E.V. 2020. Representação Social do Manguezal durante ritual de Cura/Pajelança num terreiro de Tambor de Mina em São Luís, Maranhão. p. 1-388-416. In: Rosa, F. S. (org.). *Fenomenologia e Cultura: Identidades e Representações Sociais 2*. Ponta Grossa – PR, Editora Atena, 106p. <https://doi.org/10.22533/at.ed.870202610>.

Science, C. 1994. *Da lama ao caos*. Rio de Janeiro, Estúdio Nas Nuvens. Disponível em <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77655/>. Acessado em 20 set 2021.

Schaeffer-Novelli, Y. 2018. A diversidade do Ecossistema Manguezal. p. 23-36. In: ICMBIO. *Atlas dos Manguezais do Brasil*. Brasília, ICMBIO, 176p.

Setti, K. 1985. *Ubatuba nos Cantos das Praias. Estudo do Caiçara Paulista e de sua produção musical*. São Paulo, Ática, 293p.

Souza, C.A.; Duarte, L.F.A.; João, M.C.A. e Pinheiro, M.A.A. 2018. Biodiversidade e conservação dos manguezais: importância bioecológica e econômica. p. 16-56. In: Pinheiro, M.A.A. e Talamoni, A.C.B. (orgs.). *Educação Ambiental sobre Manguezais*. São Vicente, UNESP, Instituto de Biociências, Câmpus do Litoral Paulista, 165p.

Souza, F.V.B. e Pinheiro, M.A.A. 2020. Percepções ambientais e socioeconômicas acerca da extração do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) no Sistema Estuarino de Itanhaém (SE Brasil): contribuições à conservação e ao manejo. *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, 8(4): 175-195. <https://doi.org/10.5281/zenodo.4284547>.

Souza, F.V.B. e Pinheiro, M.A.A. 2021. Local Ecological Knowledge (Lek) on the mangrove crab *Ucides Cordatus* (Linnaeus, 1763): fishery profile of mangrove areas in Itanhaém (Southeast Brazil). *Ethnoscintia*, 6(3): 15-42. <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscintia.v6i3.10515>

Rando, J.A.G. 2003. Fandango: contextualização histórica. p.11-13. In: Brito, M.L.S. *Fandango de Mutirão*. Curitiba, Milart.

Roderjan, R.V. 1981. *Folclore brasileiro: Paraná*. Rio de Janeiro, MEC/Funarte, 87p.

UNEP – United Nations Environment Programme. 2014. *The importance of mangroves to people: a call to action*. Van Bochove8, J.; Sullivan, E.; Nakamura, T. (eds.). Cambridge, UNEP-WCMC. 128p.

Vergara-Filho, W.L. 1997. *Agonia do Manguezal*. Movimento da Maré - Imagens e Poesias. Disponível em https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/manguezais/atlas_dos_manguezais_do_brasil.pdf. Acessado em 20 set 2021.